

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

IGNTS-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento semestral adiantado)
CONTINENTE 12\$00
COLONIAS 26\$00
ESTRANGEIRO 36\$00
Numero avulso—3\$50
Despesas a cargo do assinante

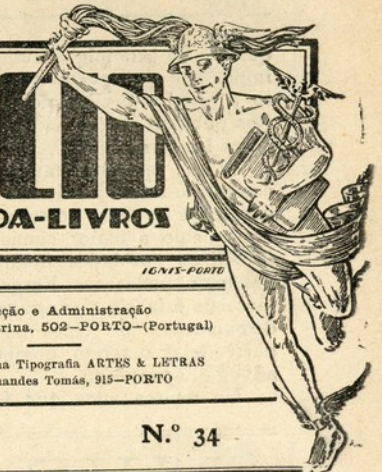
DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)
Comp. e Imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

2.º ano

Pôrto, 15 de Maio de 1930

N.º 34



DR. JOSÉ FIGUEIRA DE ANDRADE

Todo o Pôrto conhece e estima o nosso biografado de hoje, todos lhe admiram as suas excelsas qualidades morais, a vivacidade do seu espirito e a sua robusta intelligencia.

O dr. José Figueira de Andrade nasceu no Brazil, aos 19 de Março de 1874, e formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, tendo-se revelado sempre desde os bancos das escolas uma individualidade absolutamente superior, pelo jogo natural das suas preciosas faculdades intellectuaes, servidas por uma vontade disciplinada e enérgica.

Concluído o seu curso, veio abrir banca de advogado na cidade do Pôrto, alcançando desde logo legitima nomeada e farta clientela. Mais tarde, associou-se ao falecido e grande homem de Leis, dr. Francisco Joaquim Fernandes, de quem era intimo amigo, abrindo ambos um escritorio forense na rua do «Comercio do Porto», desta cidade.

Logo se impôs nos auditórios portuenses, pelo estudo cuidadoso das questões que lhe são entregues, pela admiravel e sugestiva simplicidade com que as expõe, e pela auctoridade que suavemente irradiava da sua distincção inata.

Intelligencia pronta, dispondo de uma memória privilegiada, a sua insaciavel curiosidade mental, não se contenta com os efêmeros sucessos palavrosos.

Muito estudioso, tudo lê, desde os massiços tratados de Direito

Público, até á produção literária nacional e estrangeira.

A sua linha finamente aristocrática de *gentleman*, conquistou sem esforço as mais arreigadas simpas



Dr. José Figueira de Andrade

tias entre todos aqueles que têm tratado com êle.

Especializado em questões comerciais e civis, fortissimo em argumentação, e duma lógica cerrada, quando se ergue altivamente para

tomar a defesa dos seus constituintes, prende todas as atenções, e a sua palavra emitida através de uma voz sonora, permasiva e convincente, cala fundamente no ânimo da assistencia que o escuta.

Os seus discursos sem possuirem a beleza literária das orações de Antonio Candido, o imprevisito diabólico das improvisações de João Arroio e os reptos passionais de Alexandre Braga, são uma maravilha de estrutura, em que todas essas qualidades entram na dose exactamente precisa, para determinarem uma convicção. Tem a sciencia das meias tintas, do justo meio termo, manejado por um artista da mais fina raça. E' um encanto e uma escola.

As causas que defende toma-as como suas, e a sua paixão por elas é tão grande, que chega a substituir-se aos interessados, e a senti-las mais do que eles próprios!

Jurisconsulto eminente, o seu conselho é sempre procurado e sempre ouvido com respeito, se algum pleito importante se debate. Nestes ultimos anos, pode-se dizer afoitamente, ele tem intervindo nas mais importantes questões comerciais e civis, que se têm debatido nos nossos Tribunaes, sempre com os mais notaveis resultados para os seus clientes.

O nosso homenageado exerceu durante muitos anos, em todas as situações politicas, o logar de primeiro Juiz de Direito substituto, só deixando de ocupar esse encargo,

quando foi promulgada uma lei que impôs aos conservadores do Registo Predial e Civil, como funcionários públicos, o exercício dos referidos logares.

A sua inquebrantável linha de conduta e a invejável reputação de que goza no fóro português, tem-lhe trazido a maior confiança das principais entidades financeiras, e das mais poderosas Empresas comerciais e fabris portuguesas, bem demonstrada no facto de grande parte delas o terem nomeado seu advogado perpétuo.

Ha muitos anos que faz parte

dos Corpos Gerentes do Ateneu Commercial do Porto, sendo notavel a sua acção adentro desta prestante colectividade, devendo-se a êle a iniciativa da maior parte dos saraus e conferencias que lá se têm realiado, com a assistencia de Ministros, Auctoridades e outras altas personagens politicas e civis do nosso País.

Em todas essas festas o Dr. Figueira de Andrade tem pronunoiado os mais notaveis discursos, sendo sempre ouvido com o maior acatamento e admiração.

O Governo da República para

galardoar os méritos de tão preclaro cidadão, agraciou-o ha anos com a Grão Cruz da nobilissima Ordem de Cristo, instituida no ano de 1319 pelo rei D. Diniz.

«A Voz do Comercio» honrando-as suas páginas com esta singela homenagem ao illustre jurista, e levando o seu nome onde o nosso-quinzenário chegue e possa sêr lido, julga-se desobrigado do cumprimento de um dever, prestando sincero culto ao Talento, á Probidade e ao Trabalho!

Francisco Guimarães.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Está publicado o 1.º tomo do livro:

«Comercio e Contabilidade», de que é autor o Ex.º Sr. F. Caetano Dias,

Capitão de Administração Militar, Expert Comptable pela E. G. C. de Paris. Do Instituto Superior de Comercio. Professor do Ensino Tecnico. Membre Correspondent d'Honor da Associação de Comptables de Catalunga, Comissario Geral do VI Congresso Internacional de Contabilidade e antigo Director da Revista de Comercio e Contabilidade.

Este livro, unico no genero em Portugal, rivalisa com os melhores, se os não excede, que raramente se tem publicado no estrangeiro.

E' do maximo interesse para todos os empregados no comercio, para os comerciantes e até para os professores de ensino commercial.

Versa, com grandissima claresa e competencia, como nem outra coisa éra de esperar do seu autôr, os seguintes assuntos:

I.ª PARTE

O comercio em geral

1.º CAPITULO

Noções de comercio

I—Generalidades

- I—Origem
- II—Evolução
- III—Definição do comercio
- IV—Função do Comercio — Operações comerciais
- V—Actos do Comercio—Lei comercial
- VI—Classificação dos produtos quanto ao local de produção
- VII—Divisão do comercio

II—Termologia comercial

- I—Interpretação dos termos tecnicos em português, francês e inglês
- II—Abreviaturas

2.º CAPITULO

Exercício commercial

- I—Exercício da profissão commercial e sua restrição
- II—Obrigações e prerogativas do comerciante
 - I—Obrigações
 - II—Prerogativas

III—Falencias

- I—Definição e casos de declaração de falencia
- II—Classificação das falencias
- III—Moratória—Concordata—Reabilitação

IV—Diversas profissões comerciais

- I—Comerciantes
- II—Intermediarios do comercio
 - a)—Corretores—Comissarios — Consignatarios
- III—Auxiliares do comerciante
 - a)—Gerentes — Chefes de serviço — Empregados de escritorios e caixeiros

V—Representação commercial

- I—Representantes
- II—Qualidades de representantes
- III—Contracto de Agencia
- IV—Viajantes

VI—Jurisdição commercial

- I—Tribunais do Comercio
- II—Camaras do Comercio
- III—Camaras de Arbitragem

3.º CAPITULO

Contratos

I—Generalidades

- I—Definição de contracto—Condições para validade do contracto
- II—Especificação dos contratos

II—Contracto de compra e venda

- I—Noções gerais
- II—Compras e Vendas Comerciais
- III—Condições em que se realisam as compras e vendas
 - a)—qualidade
 - b)—quantidade
 - c)—preço
 - d)—data de entrega
 - e)—logar de entrega; e
 - f)—data de pagamento
- IV—Cotar
- V—Formas de Compra e venda
- VI—Serviço de encomendas
- VII—Serviço de expedições
- VIII—Recepção de mercadorias
- IX—Documentos comerciais de contracto de compra e venda

III—Contracto de letra

- I—Origem
- II—Partes contratantes
- III—Aceite
- IV—Endosso
- V—Requisitos legais
- VI—Requisitos fiscaes
- VII—Relações entre entidades que figuram na letra

- VIII—Moeda em que se deve passar a letra
- IX—Modo de preencher a letra
- X—Classificação das letras
- XI—Vias de letra
- XII—Vencimentos da letra
- XIII—Pagamento da letra
- XIV—Reformas de letras
- XV—Dador de aval
- XVI—Protesto
- XVII—Acção—Sua forma de apresentação no Tribunal
- XVIII—Prescrição
- XIX—Resaque

IV—Contracto de transporte

- I—Definição—Diferentes especies de transporte
- II—Transportes terrestres
- III—Rêde ferroviaria Portuguesa
- IV—Transportes maritimos
- V—Modo de efectuar o contracto de fretamento
- VI—Carreiras de navegação
- VII—Portos Comerciais e sua classificação
- VIII—Principais Portos Comerciais

V—Contracto de seguro

- I—Definição—Partes contratantes
- II—Instrumento de contracto de seguro
- III—Classificação dos seguros—Subdivisões
- IV—Seguros terrestres e seus ramos
- V—Seguros maritimos—Classificação das avarias
- VI—Seguro de vida e suas modalidades
- VII—Seguros de creditos

VI—Contracto de sociedade

- I—Definição
- II—Classificação das sociedades
- III—Sociedades Civis
- IV—Sociedades Civis sob forma commercial
- V—Sociedades Comerciais
- VI—Diferentes especies de sociedades comerciais
- VII—Evolução das sociedades comerciais
- VIII—Denominação das sociedades

(Continua).

SECCÃO TÉCNICA

SALARIO-CAUSA

por Luis Mourão

Estudar em seu conjunto a teoria do Salario-Causa, tal qual Ford no-la apresenta no seu livro *Hoje e Amanhã*, é bastante difficil, se atendermos a que o proceder do Rei do Automovel é motivado por uma serie de circumstancias que sendo todas explicadas pela Economia, dependem ao mesmo tempo, do logar em que essas circumstancias actuam.

Como regra geral ou como bases dando motivo ao Salario-Causa podemos tomar a divisão do trabalho, a maquina, a perfeição e o tempo.

A divisão do trabalho implica uma maior facilidade na manufactura de determinado artigo pelo operario especializado. Esta especialização requer menos tempo, e exige perfeição. Este tempo por sua vez é ainda economizado pela maquina.

Nestas condições o producto melhor em qualidade, melhor em perfeição, mais barato em tempo, é melhor em preço do custo, implicando esta melhoria no seu maior consumo, o que requer uma maior quantidade de artigo a fabricar, que por sua vez produz a serie, cuja finalidade não é outra senão a de poupar, nas diversas operações da fabricação, tempo.

Mas Ford dá-nos outro motivo do Salario-Causa, o de provocar nos seus beneficiarios um poder de aquisição que os torna dos melhores clientes da sua fabrica, o que está certo para Ford e no seu paiz onde o automovel chegou ao alcance de todas as mãos e de todas as bolsas.

Em industrias porem que não sejam de automoveis o operario não pode, como o afirma Ford, ser cliente consumidor do producto que fabrique, porque o industrial que produza picaretas não pode colocar uma parte da sua produção nas mãos daqueles que a manipulam, mas não a utilisam.

O que é no entanto interessante notar, como sintomatico, é que o Salario Causa, tal qual se nos apresenta como ele é nos Estados Unidos d'America, não é a resultante da maior productividade do operario, mas a consequencia da super-produção Norte Americana em certos capitulos da sua industria, visto que o operario agricola americano não é superior, nem ganha mais, nem produz mais que o europeu, antes vegeta e luta com maiores difficuldades, num paiz de vida carissima, que o seu igual do Velho Mundo.

Não é portanto uma teoria economica, economica no verdadeiro sentido da palavra, que está em causa,

mas um criterio de individualismo economico, dando ao adjectivo economico, aqui, um sentido restricto, quasi pessoal, obedecendo ao logar, sem repercussão geral.

E que assim é, nós podemos vê-lo nas proprias palavras de Ford quando diz: a responsabilidade de facilitar dados para a nova teoria dos salarios pesa mais sobre os *directores industriaes* que sobre os economicistas politicos.

Não é ainda, claro está, a declaração do predomínio absoluto do Engenheiro sobre a Economia, mas uma afirmação de independencia que, como acima dizemos, só poderá fazer-se em determinadas circumstancias e em determinados logares.

E que assim não é, vai-se vendo na propria America do Norte onde o poder adquisitivo vai diminuindo por que a crise industrial vai aparecendo e augmentando.

Esta crise que se dá e ha de progredir por que em cada paiz se vai arreigando o desejo de comprar o menos possivel ao fabrico estrangeiro, produzindo mais a industria nacional; abstendo-se da compra de certos productos ou taxando-os demasiadamente; vai augmentando o nacionalismo economico como barreira ao imperialismo economico dos povos, industrialmente grandes; se vai creando a ideia de que é necessario o equilibrio entre as compras e as vendas, importações e exportações, de e para cada paiz.

E não nos admiremos se daqui por alguns anos o homem que escreve que *a questão dos salarios não começa no operario mas acaba nele*, tiver que reduzir os salarios dos seus operarios por que os stocks sem venda augmentam constantemente não tendo o poder adquisitivo dos seus operarios meios de os consumir.

Nessa altura a Nova Economia Americana não terá mais remedio que dizer, proclamar e fazer como as velhas formulas: a restricção da produção afecta no seu conjunto todo o operario de um paiz, a quantidade do producto e portanto a causa, a massa a dividir.

E tudo estará dentro da verdade visto que o salario regula-se, define-se na productividade do trabalho.

Esta é a regra geral. As excepções foram possiveis porque viveu 1914 e por que 1914 creou um mundo novo que começa a tender para o equilibrio anterior, um pouco do passado velho.

FORMAS MUITO PRATICAS DE ARRUMAR QUALQUER ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Interessa principalmente aos principiantes

SUMARIO

1.º

Preliminares

- a) O que é conta.
- b) Como e quando se debitam ou creditam as contas.
- c) Exercícios de applicação das regras pelas quais as contas são debitadas ou creditadas.

2.º

Trabalhos práticos

Organização, seguimento — duas formas — e fecho de várias escriturações comerciais

No proximo numero de «A Voz do Comercio», o Snr. A. M. F. dará inicio a este estudo, e proseguirá em numeros alternados.

CONTABILIDADE GERAL

NOÇÕES GERAIS

I — Utilidade da Contabilidade

Um organismo económico pode ter duas funcões:

a) — *especulativa*, se trata de factos e actos da agricultura, industria e commercio, isto é, a administração de capitais que lhe são entregues com o fim fundamental de os aumentar;

b) — *administrativa*, se não tem por fim fundamental o aumento de capitais que movimenta, mas apenas tratar de factos e actos económicos de administração pública.—os do Estado—, de administração privada—os da Família, Cooperativas, etc.

Os *factos económicos* determinam variações no capital; os *actos económicos coordenam*, orientam e verificam aquelas variações.

As variações do capital implicam aumento de valores duma espécie, diminuindo os de outra espécie, transformações estas que são necessárias acompanhar para que em qualquer momento se possa determinar a natureza e posição desses valores, as causas dessas variações e a parte que cada espécie de valor contribuiu para os resultados finais.

Exemplificando: a movimentação de valores é sempre expressa em numerário, e assim, supozhamos a compra de uma máquina por 500\$00, que tempos depois, por qualquer circunstancia, foi vendida por 550\$00, tendo o comprador entregue 300\$00 e ficando a dever 250\$00. O valor dinheiro sofreu as seguintes variações:

1.º transformação do valor dinheiro, em valor máquina;

2.º transformação do valor máquina, em:

- a) — valor dinheiro;
- b) — valor divida, e
- c) — valor lucro

As diferentes fases de variação de valores constata-se pela contabilidade.

A utilidade da contabilidade é constatar as diferentes fases da variação de valores.

II — Objectivo da Contabilidade

O organismo económico, movimentando os mais variados valores e mantendo relações com terceiros, precisa não só saber da situação e posição de cada um desses valores, como comparar os resultados dessa movimentação de tempos a tempos, e assim o *objectivo da contabilidade* é:

- 1) — Determinar a situação e posição de cada espécie de valores;
- 2) — Verificar o movimento de cada espécie de valor; e,
- 3) — Obter os resultados da movimentação dos valores.

III — Fins da Contabilidade

A Contabilidade, constatando as diferentes fases da variação de valores, determinando a situação e posição desses valores, e verificando os resultados de toda a movimentação, tem um *triplo fim*:

- 1) — *Imediato*, para determinar o acrescimo e diminuição de valores;
- 2) — *Mediato*, para fornecer á administração os elementos preciosos a uma eficaz gerencia; e,
- 3) — *Conclusivo*, para obter os resultados económicos.

IV — Definição da Contabilidade

A Contabilidade nem sempre tem sido considerada como uma sciencia, sendo frequentes vezes confundida como uma arte.

A sciencia fornece direcções gerais e regras principais de proceder; a arte colhe da sciencia as leis e os ensinamentos para a sua applicação. A sciencia investiga; a arte executa.

A «Contabilidade» é uma sciencia, porque fornece normas, regras e principios para coordenar todos os factos e actos económicos de um organismo, de maneira a orientar a sua administração para um fim determinado.

Contabilidade é a sciencia que estabelece as leis e normas para coordenar e constatar toda a movimentação económica de valores.

V — Historia da Contabilidade

A historia da Contabilidade estuda a origem desta sciencia, a sua evolução e as relações com as outras sciencias.

A Contabilidade nos 1.º e 2.º periodos evolutivos do Comercio (Comercio e Contabilidade — 1.ª Parte — «Evolução do Comercio»), pode considerar-se como não existente, por as operações comerciais serem muito rudimentares, e só no 3.º periodo com o aparecimento das operações a crédito se deu o advento da Contabilidade.

A origem da Contabilidade remonta á origem do crédito, e as transações começaram a ser registadas da seguinte forma (Léon Chaussette—1.º Congresso de Sciencias Contabilistas):

«O vendedor e comprador possuíam, cada um, uma prancheta da mesma dimensão. Cada vez que o comprador fazia uma compra a crédito as duas pranchetas eram colocadas uma sobre a outra e por meio dum estilete traçavam os caracteres respeitantes á transacção; nas liquidações, as pranchetas eram juntas. Não havia duvidas, por os caracteres duma prancheta serem reproduzidos na outra».

A Contabilidade não foi inventada; as suas leis foram deduzidas das experiencias e observações feitas conforme as exigencias do progresso do commercio.

A historia da Contabilidade divide-se em duas grandes épocas:

1.ª a da arte contabilista, que abrange o periodo que vae até a origem das partidas dobradas;

2.ª a da sciencia contabilista, que começa com a origem das partidas dobradas e estende-se até aos nossos dias

A primeira época que vae até ao seculo XIII, é caracterizada pelos registos da antiguidade—*Adversaria*, *codex ou tabulae rationum* e o *codex accepti et expensi*, que constituíam os livros mercantis e patrimoniais usados pelos romanos. (L'essai sur les finances et la comptabilité des romains, por G. Humbert—Ed. 1887) — e pelos livros que continham um certo numero de contas abertas aos clientes da casa, mas todos sem técnica especial—o primeiro registo que consta ter apparecido, foi redigido em 1211 por uma casa bancária florentina (Revue des Sciences Administratives applicées, n.º 3 de 1923.

«Extracto inedito do livro em publicação «Comercio e Contabilidades» por

F. Caetano Dias.

Evora, Largo de D. Isabel, 10.

PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmetica para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

Problema n.º II

A casa S. & P., vendo a impossibilidade de solver os seus compromissos, apresenta-se aos credores nesta situação:

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa	5.000\$	Capital	15.000\$
Fazendas Gerais	3.500\$	Fundo de Reserva	900\$
Móveis	1.500\$	Credores Gerais	25.000\$
Devedores Gerais	30.000\$	Letras a Pagar	235.000\$
Letras a Receber	80.000\$		
	120.000\$		275.900\$
Deficit	155.900\$		
	275.900\$		

Os credores resolvem aceitar uma concordata nas seguintes condições:

Liquidação dos seus créditos com o desconto de 50%, devendo ser-lhes entregue já 30% em dinheiro e os restantes 20% em letras aceites a 18 meses. S. & P. para poderem cumprir estas condições, conseguem que o seu amigo F. lhes empreste por escritura, hipotecando todos os valores do seu activo, a importância de 80.000\$, que fica vencendo juro de 8%.

Quais os lançamentos a fazer pela casa S. & P.?

N.º 12

O Banco C... recebeu do seu cliente F. duas letras para cobrança no valor total de Esc. 1.800\$. O Sr. F. deseja que a importância liquidada das letras, depois de cobradas, seja levada á sua conta de depósitos á ordem. A taxa de cobrança é de 1%.

Que lançamentos deve fazer o Banco e o seu cliente?

N.º 13

Os sócios da firma A. & B. resolvem aumentar o capital da sua casa que é de Esc. 20.000\$, pertencendo Esc. 10.000\$ a cada um.

Para esse aumento, cada um entra com Esc. 5.000\$ e admitem C. como sócio, entrando este com uma importância igual á das suas cotas actuais, isto é, Esc. 15.000\$ e entregando ainda Esc. 5.000\$ como diferença pela valorização do activo da sociedade. A sociedade que era em nome colectivo transforma-se em sociedade por cotas de responsabilidade limitada.

Como fazer os lançamentos destas modificações? Santo Tirso, 30/6/930.

A. S. C.

Solução do problema n.º 9

(Continuação)

Abertura da escrituração da firma Costa, Ferreira & C.^a

Deve começar-se pelo livro «Inventario e Balanços» onde, pois, escriturariamos o seguinte:
Porto... de..... de 1930.

Activo que constitue o capital com que se cons-

tituiu a sociedade *Costa, Ferreira & C.^a*, segundo a escritura social lavrada nas notas do notario...em...

Socios e respectivo capital:

Antonio Fernandes Costa	300.000\$
Francisco Duarte	100.000\$
Mario Moreira da Silva	600.000\$
Americo Ferreira de Carvalho	500.000\$
Alberto Pereira de Matos	80.000\$
Mauricio Lopes de Castro	420.000\$
Candido Moreira	100.000\$
Capital social	2.100.000\$

Porto... de..... de 1930.

O Guarda-Livros	Os socios gerentes.
(a) X	(a) X
	(a) Y
	(a) Z

Agora, temos de fazer a respectiva abertura no livro «Diario».

Pode ser feita de dois modos:

Primeiro modo, a que damos a preferencia.

Porto... de..... de 1930.

Diversos a Diversos

Pela constituição do capital com que se constituiu a firma *Costa Ferreira & C.^a*, conforme escritura de... de..... de 1930, lavrada pelo notario....

Antonio Fernandes Costa, c/ de capital a realizar	300.000\$
Francisco Duarte, c/ de capital a realizar	100.000\$
Mario Moreira da Silva, c/ de capital a realizar	600.000\$
Americo Ferreira de Carvalho c/ de capital a realizar	500.000\$
Alberto Pereira de Matos, c/ de capital a realizar	80.000\$
Mario Lopes de Castro, c/ de capital a realizar	420.000\$
Candido Moreira, c/ de capital a realizar	100.000\$
a Antonio Fernandes Costa, c/ capital	300.000\$
a Francisco Duarte, c/ capital	100.000\$
a Mario Moreira da Silva, c/ capital	600.000\$
a Americo Ferreira de Carvalho, c/ capital	500.000\$
a Alberto Pereira de Matos, c/ capital	80.000\$
a Mario Lopes de Castro, c/ capital	420.000\$
a Candido Moreira c/ capital	100.000\$
	2.100.000\$
	2.100.000\$

Segundo modo, que terá vantagem quando os associados forem muitos, representando-os pela conta colectiva «Capital».

Diversos a Capital

Pela constituição do capital da firma: *Costa, Ferreira & C.^a* segundo a escritura social, lavrada pelo notario.... em.... de.... de 1930

Antonio Fernandes Costa, c/ de entrada	300.000\$—	
Francisco Duarte, c/ de entrada	100.000\$—	
Mario Moreira da Silva, c/ de entrada	600.000\$—	
Americo Ferreira de Carvalho, c/ de entrada	500.000\$—	
Alberto Pereira de Matos, c/ de entrada	80.000\$—	
Mario Lopes de Castro, c/ de entrada	420.000\$—	
Candido Moreira, c/ de entrada	100.000\$—	2.100.000\$—

É agora que no «Diario» selado ou sintetico, se tem de escriturar a transferencia do activo e passivo das extintas firmas.

Pode fazer-se num ou em varios lançamentos.

Transferencia do activo e passivo da extinta firma Costa & C.^a

Num lançamento

Diversos a Diversos

Pela transferencia para esta sociedade, do activo e passivo da extinta firma Costa & C.^a.

Caixa	10.000\$—	
Moveis e Utensilios	120.000\$—	
Mercadorias	375.640\$—	
Devedores	90.125\$—	
Letras a Receber	60.770\$—	
a Credores	43.400\$—	
a Letras a Pagar	78.000\$—	
a Antonio Fernandes Costa, c/ capital a realizar	178.358\$35	
a Francisco Duarte, c/ capital a realizar	53.507\$50	
a Mario Moreira da Silva, c/ capital a realizar	303.209\$15	

Em varios lançamentos

Diversos a Costa & C.^a	650.535\$—	
Pelo seu activo que nos foi transferido		
Caixa	10.000\$—	
Moveis e Utensilios	120.000\$—	
Mercadorias	375.640\$—	
Devedores	90.125\$—	
Letras a Receber	60.770\$—	

Costa & C.^a	121.460\$—	
a Diversos		
Pelo seu passivo a nosso cargo:		
a Credores	43.400\$—	
a Letras a Pagar	78.000\$—	

Costa & C.^a	535.075\$—	
a Diversos		
Pelo saldo daquela conta que passa para as seguintes, segundo a escritura da constituição da sociedade <i>Costa, Ferreira & C.^a</i> :		
a Antonio Fernandes Costa, c/ de entrada	178.358\$35	
a Francisco Duarte, c/ de entrada	53.507\$50	
a Mario Moreira da Silva, c/ de entrada	303.209\$15	

Pelas seguintes contas do «Rasão»

D	Antonio Fernandes Costa c/ entrada	H
300.000\$—		178.358\$35
	Saldo	121.641\$65
300.000\$—		300.000\$—

D	Francisco Duarte, c/ entrada	H
100.000\$—		53.507\$50
	Saldo	46.492\$50
100.000\$—		100.000\$—

D	Mario Moreira da Silva c/ entrada	H
600.000\$—		303.209\$15
	Saldo	296.790\$85
600.000\$—		600.000\$—

se vê que ainda ficaram devendo:

Antonio Fernandes Costa	121.641\$65
Francisco Duarte	46.492\$50
Mario Moreira da Silva	296.790\$85
Total	464.925\$—

que, segundo o problema, realizaram em numerario, de que ha a fazer o seguinte lançamento,

Caixa	464.925\$—	
a Diversos		
Numerario entrado em caixa, para complemento do capital dos socios a que dizem respeito as seguintes contas:		
a Antonio Fernandes Costa, c/ de entrada	121.641\$65	
a Francisco Duarte, c/ de entrada	46.492\$50	
a Mario Moreira da Silva, c/ de entrada	296.790\$85	

Podia-se dispensar este lançamento, pois bastaria assentar no livro caixa a entrada do numerario.

Transferencia do activo e passivo da extinta firma Americo, Ferreira & C.^a L.^{da}

Num lançamento

Diversos a Diversos

Pela transferencia que nos foi feita do activo e passivo da extinta firma Americo, Ferreira & C.^a L.^{da}:

Caixa	10.200\$—	
Mercadorias	580.960\$—	
Letras a Receber	115.000\$—	
Consignações de c/ alheia	35.000\$—	
Devedores	283.640\$—	
Consignações de c/ propria	60.500\$—	
Movéis e Utensilios	12.000\$—	
Borges & Irmão, c/ depositos à ordem	102.700\$—	
a Credores		70.545\$—
a Americo Ferreira de Carvalho, c/ capital a realizar		282.363\$75
a Alberto Pereira de Matos, c/ capital a realizar		282.363\$75
a Mauricio Lopes de Castro, c/ capital a realizar		282.363\$75
a Candido Moreira, c/ capital a realizar		282.363\$75

Em varios lançamentos

Diversos

a Americo Ferreira & C.^a L.^{da}, em liquidação

Pelo activo desta firma que nos foi transferido

Caixa	10.200\$—	
Mercadorias	580.960\$—	
Letras a Receber	115.000\$—	
Consignações de c/ alheia	35.000\$—	
Devedores	283.640\$—	
Consignações de c/ propria	60.500\$—	
Movéis e Utensilios	12.000\$—	
Borges & Irmão, c/ depositos à o/	102.700\$—	1.200.000\$—

Americo Pereira & C.^a L.^{da}, em liquidação

a Credores

Pelo passivo daquela firma a nosso cargo.

70.545\$—

Americo Pereira & C.^a L.^{da}, em liquidação

a Diversos

Saldo daquela conta transferido para as seguintes:

a Americo Ferreira de Carvalho, c/ de entrada	282.363\$75	
a Alberto Pereira de Matos, c/ de entrada	282.363\$75	
a Mauricio Lopes de Castro, c/ de entrada	282.363\$75	
a Candido Moreira, c/ de entrada	282.363\$75	1.129.455\$—

Contas do Razão:

D	Americo Ferreira de Carvalho, c/ de entrada	H
	500.000\$—	282.363\$75
		Saldo 217.636.25
	500.000\$—	500.000\$—

D	Alberto Pereira de Matos, c/ de entrada	H
	80.000\$—	282.363\$75
Saldo	202.363\$75	
	282.363\$75	282.363\$75

D	Mauricio Lopes de Castro, c/ de entrada	H
	420.000\$—	282.363\$75
		Saldo 137.636\$25
	420.000\$—	420.000\$—

D	Candido Moreira, c/ de entrada	H
	100.000\$—	282.363\$75
Saldo	182.363\$75	
	282.363\$75	282.363\$75

pelas quaes se vê que devem:

Antonio Ferreira de Carvalho	217.636\$25
Mauricio Lopes de Castro	137.636\$25

e tem haver:

Alberto Pereira de Matos	202.363\$75
Candido Moreira	182.363\$75

Pelo que diz o problema, os socios Antonio Ferreira de Carvalho e Americo Lopes de Castro completaram com numerario a respectiva cota de capital, pelo que se deve, pois, fazer o seguinte lançamento:

Caixa a Diversos

Pelo complemento do capital dos socios a que respoitam as seguintes contas:

a Antonio Ferreira de Carvalho, c/ de entrada	217.636\$25	
a Mauricio Lopes de Castro, c/ de entrada	137.636\$25	355.272\$50

E' necessario tambem transferir o saldo da conta de entrada para a conta particular dos socios: Alberto Pereira de Matos e Candido Moreira.

Tem, pois, que se fazer o seguinte lançamento:

Diversos a Diversos

Pela transferencia dos saldos destas seguintes contas para aqueles.

Alberto Pereira de Matos, c/ de entrada	202.363\$75	
Candido Moreira, c/ de entrada	183.363\$75	
a Alberto Pereira de Matos, c/ corrente ou c/ particular		202.363\$75
a Candido Moreira, c/ corrente ou c/ particular		182.363\$75

Podia-se ter evitado este lançamento, desde que se tivesse creditado a conta de entrada ou de capital a realizar, de cada um daqueles socios, apenas pela respectiva importancia em debito e levado o excedente para a conta corrente ou particular.

Assim, fazia-se o seguinte lançamento:

CONSULTAS JURIDICAS DE COMERCIO

Esta secção foi fundada e é mantida por especial obsequio do Exm.^o Snr. Dr. Abeilard Teixeira para com «A Voz do Comercio».

Podem recorrer a ela todos os assinantes deste Quinzenario que não estejam em debito.

Só se admitem consultas sobre assuntos comerciais; todas são gratuitas.

CONSULTAS

N.º 8

Poderão fazer-se os termos de abertura e de encerramento nos livros «Inventario» e «Diario» duma sociedade comercial que não esteja registada no Tribunal do Comercio?

Poderão esses livros ser escriturados sem essas formalidades da Lei, servindo para justificação da legalidade dos lançamentos apenas o selo da Fazenda?

N.º 9

A Lei permitirá que na escrituração duma firma figure uma verba com a designação de «Chave»?

Caso não permita, como harmonisar com a Lei?

RESPOSTA

à consulta N.º 8

A falta de matricula das sociedades comerciais torna-as irregulares; mas, isso não obsta a que se lancem nos livros de *Inventario* e *Diario* os termos de abertura e encerramento prescritos por Lei e de que depende o valor que esses livros tem como meio de prova.

à consulta N.º 9

A Lei não proíbe o lançamento da verba recebida ou paga a titulo de «Chave»; antes obriga a que o mesmo se faça, visto modificar a fortuna do comerciante.

Abeilard Teixeira.

(Continuação da pagina 159)

Americo Pereira & C.^a, L.^{da}, em liquidação

a Diversos

Pela transferencia do saldo daquela conta para as seguintes:

a Americo Ferreira de Carvalho, c/ de entrada	282.363\$75	
a Alberto Pereira de Matos, c/ de entrada	80.000\$—	
a Mauricio Lopes de Castro, c/ de entrada	282.363\$75	
a Candido Moreira, c/ de entrada	100.000\$—	
a Alberto Pereira de Matos, c/ particular	202.363\$75	
a Candido Moreira, c/ particular	182.363\$75	1.129.455\$—

Está resolvido o problema.

Porto, Março de 1930.

A. M. F.

RETIFICAÇÃO Nota-se no n.º 31, de «A Voz do Comercio», pagina 110, coluna exterior, que o total do primeiro activo descrito está errado. E' que, devido a engano tipografico, as seguintes contas apresentam as seguintes verbas:

«Mercadorias»	375.000\$—	em vez de	375.640\$—
«Devedores»	90.000\$—	» » »	90.125\$—

A. M. F.

JUROS SIMPLES

N. da R. Por amavel deferencia, que muito nos penhorou e muito agradecemos, do distinto commercialista Snr. «Valentin Junior», para com «A Voz do Comercio», começamos hoje a publicar o seu interessante e primoroso trabalho: «Juros simples».

Seguir-se-hão outros trabalhos igualmente de subido valor.

Quando um individuo empresta a outro uma certa quantia, recebe dêsse outro uma remuneração pela prestação dêsse serviço.

O individuo que empresta chama-se *mutuante* ou *crêdor*;

O que pede emprestado *mutuário*, *mutuatário* ou *devedor*;

E a remuneração recebida pelo mutuante ao mutuário chama-se *juro*.

Como para avaliar esta remuneração é preciso atender a quantidade — valor emprestado — (*capital*) e, ao tempo durante o qual êsse valor permanece em poder do mutuante, foram buscar-se dois termos de comparação respectivamente ao capital e ao tempo.

Para o capital, buscamos como unidade 100 escudos, francos, libras ou outra qualquer unidade monetária; e para o tempo 1 (ano, semestre, trimestre ou mês), unidades de tempo.

Referido a estas 2 unidades, determinamos o preço do empréstimo, isto é, a remuneração que o mutuante receberá do mutuatário por cada 100 unidades monetárias (*capital*) em 1 ano, semestre, trimestre ou mês (*unidade de tempo*).

E' esta remuneração que se chama *taxa* ou *razão de juro* que podemos definir assim:

Taxa ou *razão de juro* — E' o juro de capital 100 na unidade tempo.

Como acabamos de ver numa operação de empréstimo entram quatro elementos a saber: *capital*, *taxa*, *tempo* e *juro*.

Mostraremos como êles estão compreendidos num exemplo.

João empresta a António 5.000\$00 escudos a 5 % (ao ano) por 3 anos e 1 mês.

O que equivale a dizer que:

João (*mutuante*) confia de António (*mutuatário*) 5.000\$00 esc. (*capital*) a 5 % (*taxa*), isto é, com a condição de António lhe pagar cada ano a remuneração de 5 escudos por cada 100 escudos, durante o tempo 3 anos e 1 mês.

Falta o elemento — *juro* — que depende do cálculo a determiná-lo.

Pela forma de estabelecer o preço do empréstimo notamos que o juro será tanto maior quanto maiores forem os elementos: *capital*, *tempo* e *taxa*.

Podemos, portanto, estabelecer agora os seguintes principios fundamentais:

1.º — «Para a mesma taxa e o mesmo tempo: o juro é directamente proporcional ao capital».

2.º — «Para a mesma taxa e o mesmo capital, o juro é directamente proporcional ao tempo».

3.º — «Para o mesmo capital e o mesmo tempo o juro é directamente proporcional à taxa».

Donde concluiremos que os problemas de juros se resolvem pela regra de três.

Fórmula ¹ principal de juros simples ²

Vamos deduzir, ³ empregando a regra de tres — método de redução à unidade — paralela e simulta, neamente por números e por letras, esta fórmula, a que chamamos principal por dela emanarem todas as outras. A notação será :

- C — capital emprestado ;
- R — taxa ou razão de juros ;
- d — números de dias ; ⁴
- J — juro.

Dedução da fórmula principal de juros

Calcular o juro vencido pelo capital 5 000\$00 a 6 % (ao ano) em 3 anos e 1 mês.

Pela definição de taxa temos que :

(365 dias)

¹ Chama-se «fórmula» a expressão, literal, que, em substituindo as letras pelos seus valores, nos conduz à resolução do problema cuja incognita é o primeiro membro da fórmula.

² Juros simples — assim se chamam os que são, qualquer que seja o número de anos, sempre calculados sobre o capital primitivo; ao passo que tomam o nome de Juros compostos os que, ao fim de cada ano, se juntam ao capital, e passam a render juro no ano seguinte.

³ Nesta dedução, como em todas que fizermos, usaremos sempre considerar o ano com 365 dias por assim o determinar o nosso Código Commercial, e mais adiante no nosso trabalho procuraremos demonstrar o prejuizo que resulta para o mutuário, do emprego nos cálculos do ano com 360 dias.

⁴ Pela mesma razão da nota acima empregamos, na fórmula principal, «d» representando já o número de dias, para que assim obriguemos a reduzir previamente a dias, qualquer número de anos e meses, que expima a duração do empréstimo. Esta redução deverá ser feita: multiplicando o número de anos por 365, o número de meses por 30 somando depois os 2 produtos.

Dedução das fórmulas de C P d

Da fórmula principal deduziremos as que determinam respectivamente os valores do capital, (C) razão (R) e números de dias (d) fórmulas que da mesma maneira que a principal se poderiam deduzir directamente.

Da fórmula

$$J = \frac{R C d}{36500}$$

dividindo ambos os membros por C; vem:

$$\frac{J}{C} = \frac{R d}{36500} \text{ (proporção geometrica)}$$



tirando-se desta proporção o valor de C (meio), obtem-se:

$$C = \frac{J \times 36500}{R d} \text{ formula do capital.}$$

e como dado o prodto de 2 fatores para determinar um deles basta dividir o produto pelo outro, temos:

dividindo por d:

$$R = \frac{J \times 36500}{C d} \text{ (3) fórmula da razão}$$

(Continua)

- O capital 100 vence em 1 ano 6 (taxa)
- O capital 1 vence em 1 ano $\frac{6}{100}$
- O capital 1 vence em 1 dia $\frac{6}{100 \times 365}$
- O capital 5.000\$00 vencerá em 1 dia $\frac{6 \times 5.000\$00}{100 \times 365}$
- O capital 5.000\$00 vencerá (1125 dias) em 3 anos e 1 mês $\frac{6 \times 5.00000 \times 1125}{100 \times 365}$

$$\text{(Juro)}$$

portanto o juro é

$$J = \frac{6 \times 5.0000 \times 1125}{100 \times 365}$$

Calcular o juro vencido pelo capital C centavos R % em d (dias).

Pela definição da taxa temos que :

(365 dias)

- O capital 100 vence em 1 ano R centavos (taxa)
- O capital 1 vence em 1 ano $\frac{R}{100}$
- O capital 1 vence em 1 dia $\frac{R}{100 \times 365}$
- O Capital C vencerá em 1 dia $\frac{R C}{100 \times 365}$
- O capital C vencerá em d dias $\frac{R C d}{100 \times 365}$

portanto a formula de juro é

$$J = \frac{R C d}{100 \times 365}$$

ou

$$J = \frac{R C d}{36500} \text{ (1)}$$

ou



tirando desta proporção o valor do produto R d (meio); obtem-se:

$$R d = \frac{J \times 36500}{C}$$

dividindo por R:

$$d = \frac{J \times 36500}{C R} \text{ (4) fórmula do numero de dias}$$

MONOGRAFIA

CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

DEVE	CAIXA	HAVER	
1899 Jan.º 25 Saldo de 24 Comissões $\frac{1}{8}$ do pagamento s/ Santos Depositos p/ Avaliações Recebido de J. P. Lima, para avaliação de seus immoveis Deposito a Prazo Fixo Recebido de F. pelo prazo de um anno, v/26/1/900 á s/o Depositos por Letras DL Recebido SP/3, á ordem de J. Silva, a um anno Empréstimos Garantidos «S. Paulo» Recebido de Julio da Cunha Efeitos a Receber Recebido, v/do ER/SPI Emissão Notas ns. 1 a 1.000 da 1.ª Série de 100.000 Ordens de Pag. s/ Santos Recebido de Silva & C.ª para pagar a S. Paz c/ N. Nuno 28 Saldo de 25 Banco do Pará c/c Emissão do cheque n. C. 101 Caixa Filial de S. Catharina c/c Emissão do cheque n. A 3 Emissão do cheque n. I. Comissões Dos pagamentos s/ Pará e S. Catharina Descontos Do TD/SP 32 Depositos em C. Corrente, S. Paulo Companhia Metal- lurgica: 50 % de 3.000 debentures de 100.000 emitidas a 95.000 30 Saldo de 28	2.525.117,500 3,750 300,000 200.000,000 10.000,000 5.000,000 5.000,000 100.000,000 3.000,000 2.848.420,850 2.817.408,750 5.000,000 3.000,000 23.000,000 80,000 480,000 142.500,000 2.988.468,750 2.945.368,750	1899 Jan.º 25 Empréstimos Garantidos «S. Paulo» Pago a Tito Livio, cheque n.º 81 Ordens de pagamento s/ S. Paulo. a J. Cook c/ J. Luiz, de Santos Premios Estampilhas affixa- das no DL/ SP/ 1. 28 Saldo para 28 Depositos em c/ Corren- te, S. Paulo Companhia Metal- lurgica, cheque n.º 161 G. de Lemos, che- que n.º 122 Titulos Descontados em S. Paulo Pago pelo TD/ SP 32 30 Saldo para 30	18.000,000 13.000,000 12,100 31.012,100 2.817.408,750 2.848.420,850 13.000,000 14.100,000 16.000,000 43.100,000 2.945.368,750 2.988.468,750

(Continua)

Horacio Berlinck.

Maneira simplificada de escriturar a partida DIVERSOS A DIVERSOS no "Diário,"

Evora, 31 de Março de 1916

Transporte

3

Diversos a Diversos

Núm. de lançamento	Páginas do «Razão»	Números das contas	Contas	Contas-partidas do débito	Importâncias do débito	Contas-partidas do crédito	Importâncias do crédito	Coluna principal
			A importancia total de					70.493,539,1
4			Armazém	10	9.373,539,5	6,9,11,15	21.480,576,8	
5			Mercadorias	13	663,508	9	646,575,1	
6			Caixa	4,9	11.760,500	7,10,11,14,15	8.211,544,6	
7			Despesas gerais	6	160,500		5	
9			Devedores	4,5,14	9.105,542,9	6,12	5.062,591	
10			Crédores	6,18	7.755,575	4	9.373,539,5	
11			Consignações de c/ própria	4,6	2.941,594	13	3.512,574,1	
12			Letras a Receber	9	2.500,500		5	
13			Contas-correntes	11,15,17	15.027,548,4	5,14	5.385,583	
14			Consignações de c/ alheia	6,13,16	5.075,500	9	5.075,500	
15			Remessas de c/ alheia	4,6	9.131,531,3	13	6.131,533,3	
16			Comissões		5	14	152,525	
17			Letras a Pagar		5	13	5.383,541	
18			Juros e Descontos		5	10	77,555,7	
					70.493,539,1		70.493,539,1	

Observação— Para o emprêgo desta fórmula, como de resto já adoptei há bastante tempo, uso numerar as contas no *Razão*. No confundir com as páginas em que estão abertas as contas no mesmo livro.

Valentim Júnior
Comercialista.

— O — MEU SISTEMA

por Bernardino Godinho

(continuado de pagina 103, fasciculo 7 — 1.º ano — desta Revista)

Ao abrir um parentesis:

- presto as minhas homenagens ao Ex.º Sr. Antonio Martins da Fonseca;
 - peço áqueles que comigo colaboraram na extinta Gazeta do Empregado de Escritorio, que considerem como sequencia desta, a «Voz do Comercio» e dentro deste espirito, voltem á liça.
- José Antunes, Prista Tiago, Jorge Salazar Antunes Pedro Braga, a postos!
Por dever de consciencia e de coerencia, é mister que retomemos os nossos logares de combate e tentemos, mais uma vez, levar a nossa *distraida* classe, para o campo das realizações.
Está formado o pacto? Eu tenho fé, que sim.

A estas horas deve haver quem — com imensa razão — suponha, que o modesto signatario, não pertence, já, ao numero dos vivos.

E' compreensivel que se conjecture, que apanhado em flagrante delicto de plágio, fugi á prestação de contas, ou, que impossibilitado de destruir a argumentação que se lê a pag. 196 e 197 — 1.º ano — desta Revista, e a pag. 143 da Revista Brasileira de Contabilidade, perdi a fala.

A'queles que, em cartas, se têm esforçado por quebrar o meu silencio, exalçando méritos que não

posso, dou-lhes o direito de duvidarem desses mesmos méritos. . .

Não me admirarei tambem que o digno Director desta Revista, esteja descontente comigo. . .

Mas, oiçam todos:

Quem tem obrigações não tem devoções.— e este velho aforismo retrata bem, as causas do meu prolongado silencio; por isso, se realmente, os pensamentos formulados a meu respeito, são os que atraz presinto, há que, por sôbre êles, passar uma esponja.

Eu não fugi á discussão, nem tão pouco os argumentos da critica sacudiram as minhas convicções;— até, por mal focarem o alcance tecnico do meu modesto trabalho, os criticos, chegaram a conclusões erroneas. Melhor. Ao articulista L. M. direi, que:

- (1) o «Meu Sistema» parentesco algum tem com os sistemas racionograficos, expostos em a «Revue d'Economie Commerciale» e embora a pag. 197— 1.º ano, se pretenda demonstrar que teve precusores, eu afirmo alto, claro e bom som, que é da minha lavra; aliás, o que já se acha publicado do

«Meu Sistema», não *habilita* ninguém a pronunciar-se, conscientemente, sobre o *todo*.

- 2) o sistema invocado é a «Contabilidade por capitulos», e nesta, um *capitulo* corresponde ás contas chamadas gerais e colectivas, compreendendo, cada uma delas, varios artigos. Exemplo: Capitulo I—PRIMEIRO ESTABELECIMENTO, — *Artigos correspondentes* — edificios, maquinas, mveis, etc. Este sistema, realmente interessante, é empregado pelas empresas carvoeiras, submetidas á fiscalisação da Société Général de Belgique. (Vidé—A. François—Comptabilité par chapitres. Exposé et critique Bruxelles, de Comptable. Avril. Mai. Décembre 1913. Février et Mars 1914. — Laurent Lefebvre — Comptabilité par chapitres. Marseille. Rev. d'Economie Commerciale. Decembre. 1910. Mai et Août 1911 — Ansotte & Defrise — Comptabilité de charbonagge, d'après les règles posées par la Société General. Belgique)
- (3) enquanto no sistema acima referido a base é o capitulo, em o «Meu Sistema» a base é a conta singular, ou seja, o artigo da Contabilidade por capitulos, quer dizer, o desdobramento impõe-se

sempre, desde que não implique com o poder registrador dos respectivos livros principais (Informador e Controlador). Não caberia na cabeça de ninguém a ideia de impôr o «Informador» como substituto do livro de «Contas Correntes». E porquê? Além de varios inconvenientes, seria necessário, em certos casos, utilizar um livro com as dimensões da lègua da Povoá.

- (4) foi sobre o livro «Informador» que especialmente recaiu a sua análise critica, e neste ponto estava o articulista apto a pronunciar-se, sem receio de tropêços; mas, acontece que desprezando o unico florête com que poderia esgrimir à vontade: o modelo do livro de «Contas Gerais» tão semelhante — em sua opinião — ao Informador, esgrimiou com outra arma: um esquema, que, afinal, se transformou num dos nossos mais valiosos meios de defesa.

Eu não desejo que este parentisis, se torne fastidioso, mas não resisto à tentação de trazer para aqui um fólio do livro de «Contas Gerais» e que o articulista, repito, a pag. 197 — 1.º declara erroneamente «o não ser outra coisa que o meu informador».

Débito

Capitulo V — Serviço Financeiro

Crédito

Data	Número dos artigos	Contas Creditadas	1				Totais	Data	Número dos artigos	Contas Debitadas	1				Totais
			Caixa	LETRAS		Bancos					Caixa	LETRAS		Bancos	
				a receber	a pagar						a receber	a pagar			
1930 Maio	1 1/31	1 Contas part. Serviço fin..	10 000 00		5 000 00		10 000 00 5 000 00	1930 Maio	1,31 5	5 Serviço fin..	5 000 00				5 000 00

Os lançamentos deste livro constituem uma reprodução do Diario Geral Sintetico, livro que tem a seguinte disposição: «Chaque page de notre journal comprend onze colonnes. La colonne 1 mentionne le numéro de l'article; la colonne 2 porte les folios du Grand-livre des *Comptes généraux* ou les articles du journal sont reportés; les colonnes 3 et 4 sont destinées à recevoir le numéro des chapitres, la 3.ª colonne recevant les numéros des chapitres débiteurs et la 4.ª ceux des chapitres créditeurs. Dans la colonne 5, on écrit les noms des comptes débiteurs et crédités. A droite de la page, se trouvent six autres colonnes: les quatre premières reçoivent les sommes partielles (francs et centimes); les deux suivants les sommes totales (francs et centimes). L'espace compris entre les colonnes 5 e 6 contient em même temps que le libellé des opérations les noms des articles débiteurs ou créditeurs ainsi que les noms des comptes personnels. Les sommes totales son additionnées au bas de chaque page et le total est reporté à la page suivante. A la fin de chaque mois, on fait la somme des toutes les valeurs dont le mouvement a eu lieu pendant les mois. — Ansotte et Defrise».

Julgo que estes elementos bastam, para provar, que nem as funções, nem o dispositivo do livro «Contas Gerais», têm paridade alguma com o Informador.

- (5) quanto á adaptação do «Meu Sistema» por parte das grandes organizações, é um caso a tratar com mais vagar e em seu devido tempo.

Ao articulista da Revista Brasileira de Contabilidade, direi que:

- (1) fiquei deveras surpreso com o facto de ver

focado o meu modesto trabalho nas colunas duma Revista tecnica, que tem a dirigi-la um nome que há muito nos habituámos a admirar pelo seu talento, e que é, indiscutivelmente, um dos astros do moderno mundo contabilista: F. d'Auria. Pena tenho de não me poder conformar com a apreciação feita, mas... é um dever de consciencia, pôr as coisas no seu lugar.

Os titulos de Razão, são:

Edificio, máquinas, sacos, trigos, farinhas, etc. e não, como pareceu ao articulista: Valores immobilizados, compromettidos, etc.

Estas designações serviram para demonstrar que utilizando o Informador se mantém sempre uma classificação racional das contas, sem necessidade de recorrer ao emprego de folhas moveis — vidé o que se escreveu a pag. 101 — 1.º ano, desta Revista.

Não houve por conseguinte uma invenção *ad libitum*. Mais: existe uma ligação directa com o contexto e com os historicos.

- (2) discordo da opinião emitida de que só *eximios* contabilistas o poderão adoptar; ao contrario a sua adopção está ao alcance de quem saiba escrever o Diario classico.
Está fechado o parentisis, vamos ao que importa.

III

Como prometi, explicarei o funcionamento do livro Informador G. C. e destacarei as vantagens do seu emprego.

Não dou, certamente, novidade a ninguém, declarando que o exemplo apresentado diz respeito ao *caso*

DO LIVRO CAIXA NA ESCRITURAÇÃO AGRICOLA

Reconhecida a utilidade da escripturação, reconhecimento secular que dia a dia se vai tornar mais profundo, porque dia a dia ele vai, progressivamente, creando novas modalidades pelas novas formulas que ela vai adquirindo e num sentido mais perfeito e numa intenção de mais facil compreensão, aqueles que, como nós, os Guarda-Livros, a trabalham, devem, continuamente, procurar facilitá-la, creando, compilando, classificando.

A escripturação comercial é a organização que permite a uma gerencia saber a marcha dos negocios que dirige, a sua conselheira, o seu guia, sem o qual, por forças das circunstancias, seria impossivel, na vida de hoje, trabalhar.

Isto será logar comum, mas a verdade é que poucos se preocupam com ele e muitos, por que é assim, o transformam em dificuldade inacessivel.

Sob o ponto de vista agricola, então, e em Portugal, ao contrario da vida comercial e industrial onde já existem lindas e perfeitas organizações de contabilidade, nada existe que atinja não já a perfeição, mas a sofrivel e necessaria organização.

Tentaremos hoje dar aos nossos leitores que se queiram 'dedicar ou se dediquem á agricultura um modelo novo de livro Caixa, tirado por nós, com pequenas alterações do trabalho de Dubost e Pacont (Comptabilité de la Ferme).

Conforme se verá, pela sua organização, onde

Data		Total	Proveniencia das receitas			
			Gado	Culturas	Lenhas	Diversos
Jan. 1	Em caixa . . .	2.500 00				
	De Carlos . . .					
2	Venda de um porco . . .	600 00	600 00			
3	De Antonio, 50 sacos de trigo . . .	4.000 00		4.000 00		
5	De José, 2 carros de lenha . . .	500 00		500 00		
31	De Joaquim, saldo do menage . . .	100 00				100 00
		7.700 00	600 00	4.000 00	500 00	100 00
		7.700 00				
Fev.	Saldo em Caixa etc.	1.350 00				

Por ele se vê que não é sem razão que nós lhe chamamos util e se nota que apresentando os saldos como qualquer outro Caixa, mensalmente, as colunas de detalhe ficam em aberto para só serem fechadas no fim de cada ano economico.

Livro estatístico e de fiscalização ao criterio de quem o queira utilizar deixamos ainda a melhor forma de o compor de forma a que ele se torne no logar em que se seja aproveitado um auxiliar necessario.

Fecharemos, com um conselho nosso, este: Há

em que o Guarda-livros é o unico faseador de lançamentos.

Muito bem. Ao fechar o dia 2 de Janeiro, sobre a nossa mês de trabalho, temos: a folha ou borrão

aparece um detalhe completo, detalhe obedecendo á regra geral do livro Caixa, o modelo faz aparecer no fim de cada ano economico, classificando-as, as diversas sommas, por debito e crédito, do seu movimento.

Nesta conformidade o gerente agricola conhece, em qualquer momento, o destino das verbas, a sua utilização, a totalidade dos gastos, em qualquer dia do ano, de determinada cultura, de determinados trabalhos, e a proveniencia das receitas, atendendo a que a coluna «Culturas» do debito é susceptivel de desdobramento por especialidades como trigo, centeio, cevada, milho, vinho, alfarroba, etc.

E este desdobramento estende-se á designação «Gado» a «Diversos» e a todas aquelas que mereçam, por seu movimento ou por sua especialidade, casa especial.

O mesmo no Crédito, onde o titulo «Salarios» pode desdobrar-se em «Ferias» e Soldadas»; «Gado» e «Culturas», esta como já acima dizemos e «Gados» em «Gados de Trabalho» e «Gados de Rendimento».

E assim por deante no criterio de quem dirige uma exploração agricola.

Uma das contas detalhe que neste projecto de livro falta, mas que é util incluir é a de «Contribuições», demais neste momento em que as contribuições são assim como o tigre esfarrapando o peito de quem trabalha.

Façamos portanto o modelo e apresentemo-lo:

Data		Total	Salarios	Conservação, pro-priedades	Gado	Cultura	Adubos	Diversos
Jan. 1	De A. Compra de 2 bois . . .	3.000 00			3.000 00			
	9 Entregue ao menage . . .	1.000 00						1.000 00
	3 Feria semana, 27 a 31	450 00	450 00					
4	De B. compra de adubo . . .	750 00					750 00	
31	A C. soldada. . .	250 00	250 00					
	Cava da pigena . . .	300 00				300 00		
	Construção de muro. . .	600 00		600 00				
		6.350 00	700 00	600 00	3.000 00	300 00	750 00	1.000 00
	Saldo em Caixa . . .	1.350 00						
		7.700 00						
Fev.	etc.							

duas colunas no credito chamadas de «Culturas» e «Conservação».

Não devem confundir-se pois se ha «Conservação» na mira de melhor «Cultura», quer dizer, se ha despesas que se fazem com sentido de melhor produção elas são conservações, melhoramentos.

Uma propriedade que não tenha agua e á qual foi dada agua, essa propriedade encontra-se valorizada, tem mais valor. Essas despesas feitas com o intuito de colher mais, devem ser levadas não a culturas mas a valores patrimoniais.

L. M.

de caixa, o mapa de compras ou o dossier de facturas recebidas, o mapa de vendas ou o dossier de facturas epyedidas e o mapa de fabrico ou de laboração. As características destas peças são por demais conhecidas de quem ler estas linhas, por isso, passemos adiante.

(Continua)

MILIONARIOS NORTE AMERICANOS

Os Estados Unidos são a patria dos Carnegie, dos Pierpont Morgan, dos Vanderbilt, dos Rockefeller, dos Ford. Para a maioria dos nossos intellectuais estes são simples aventureiros afortunados, e pelo facto de lerem dois tomos de filosofia barata e um par de epopeias mal traduzidas, olham-os com desprezo, desdenhando familiarisar-se com eles.

Quem são esses senhores afortunados?

André Carnegie foi, na sua infancia, um simples entregador de telegramas, e devido a um esforço continuado, a uma luta incessante de estudo e trabalho, chegou a ter um rendimento dez vezes maior que o do monarca do Imperio Britanico. Pode dizer-se que, como um sementeor semeia o grão no campo, Carnegie semeou bibliotecas no paiz.

Tem feito mais por a cultura norte-americana que muitos batalhões de mestres-escola. Cada uma das suas bibliotecas é uma universidade popular. Levantou em Washington o monumento material da fraternidade humana. Tem feito mais pela paz do mundo que os mais entusiastas propagandistas, com as diversas instituições que têm o seu nome, que dotou com cerca de cem milhões de dollares. No total deu mais de tresentos e cincoenta milhões para obras de bem publico.

No seu gabinete privado não havia telefone, nem se recebiam telegramas, nem se escrevia á maquina. Os quadros que adornavam as paredes eram retractos de literatos e pensadores. Enquanto lia uma estrofe de Burns ou contemplava um quadro de Murillo, estava ganhando milhares de dollares. A sua filosofia acerca da fortuna, exposta uma ocasião a Herbert M. Casson, é a filosofia do povo norte-americano. Não se deve atacar a luta pelo dinheiro, disse, porque a prosperidade dum paiz precisa de riquezas.

Quasi todos os progressos actuais são conquistas do dinheiro. A pobreza leva como sequito, fome, ignorancia, enfermidades, descaimento moral. Os negocios têm feito mais que a politica para a criação de caminhos de ferro, pontes, bibliotecas, teatros. O homem de negocios tem que se interessar pelas multiplas manifestações da vida mundial e deve possuir os mais variados conhecimentos. Nada de importancia pode ocorrer, que o não preocupe, sejam complicações politicas em Constantinopla, ou a aparição do colera no Oriente, um vento na India, ou a queda de um ministerio. Deve saber julgar os homens, que ás vezes emprega aos milhares; deve ter o dom da organização e decidir com prontidão e intelligencia. A vida dos negocios eleva-se agora a uma escala tam gigantesca que os socios duma grande empresa são como soberanos duma nação. A carreira dum comerciante, banqueiro ou industrial desenvolve o espirito, fortalece a intelligencia, ilustra, livra de prejuisos e enaltece moralmente. Os dividendos que recebe o homem de negocios, não são só dollares, recebe tambem dividendos em forma de satisfação, ao compreender-se um instrumento que faz progredir, em beneficio da comunidade, o ramo a que se dedica. Na vida moderna do comercio não têm cabimento nem os loucos nem os ociosos. E se as intelligencias que cultivam os negocios são delicadas, encontrarão neles verdadeiro encanto e poesia. Não se pode estar em constante relação com as multiplas manifestações da electricidade sem nos sentirmos arrastados até ao dominio da poesia e do misterio.

¿Os Vanderbilt? Quasi todos os milionarios norte-americanos têm uma historia parecida; junto com a vulgaridade dos seus milhões têm sempre alguma coisa de grande que lhes faz conhecer a missão social desses milhões. O velho Vanderbilt, o antecessor, levantou a sua fortuna do nada, com o seu genio criador e a sua tenacidade de aço. As suas linhas ferreas, seus bosques, seus quantiosos milhões, tornaram-no uma potencia quando estalou a guerra na sua patria. Uma ocasião, o presidente Lincoln, affito, chama Vanderbilt e diz-lhe:

— O Merrimac está ancorado em frente da baía de Janes River, ¿quanto me pedis por o capturar?

— Não peço nada, porque não especulo com a desgraça da minha patria. Em dois dias o Merrimac estará em vosso poder, contestou o milionario. E a historia conta-nos como em trinta e seis horas a sua promessa era uma realidade.

Ao morrer dizia: nasci pobre e desconhecido; ganhei vinte e cinco milhões por ano e fiz ganhar tres vezes mais a varios dos meus concidadãos.

¿Rockefeller? Todo o mundo sabe da sua riqueza fabulosa, a segunda do mundo, agora que Ford acaba de a ultrapassar. As suas fabricas não só produzem, trabalham e refinam o petrolio; fazem o barril que o contem, com as suas madeiras das selvas da Carolina; fabricam a cera com que se tapam os orificios e a goma com que se impermeabilisa o interior; fabricam o vagão que serve para o transportar; fabricam os candieiros onde se deita o petrolio; fabricam as mechas que se queimam nos candieiros; fabricam o fosforo com que se acende a mecha. Têm barcos que navegam todos os mares e chegam a todos os portos, não havendo uma nação no mundo, por selvagem que seja, onde não penetre a sua acção. O reino de Rockefeller é mais vasto que tudo o que possa imaginar-se, porque são tributarios do seu poder todas as raças e todos os povos, todos os que por a noite recorrem á chama que alumia ou ao fogo que aquece. ¿E quem ignora o trabalho social que desempenhou e desempenha o dinheiro deste milionario? Ele, acabou com a febre amarela no Equador e combate-a no Mexico. O seu exercito de higienistas trabalha ainda na China. O cancro tem nele o seu maior inimigo.

¿Ford? Quem não conhece no mundo inteiro este homem que pôs o mundo sobre rodas? E' hoje em dia o mais rico do mundo, e seria necessario acrescentar que é talvez o primeiro idealista do Universo. Foi ele quem mandou á Europa o famoso barco da Paz, quando imaginou que podia deter a guerra. A França, assim o disseram os diarios, não ha muito, ofereceu-lhe á venda os seus barcos velhos, e ele respondeu por cablograma que estava disposto a comprar toda a armada francesa. Se ele pudesse comprar todos os armamentos do mundo e lança-los ao fundo do mar, se assim conseguisse a paz definitiva, fa-lo-hia, ainda que tornasse outra vez a ser pobre e não encontrasse em Detroit quem lhe vendesse uma galinha a credito, como lhe aconteceu ha trinta anos.

Não. Não menospresemos os milionarios norte-americanos. Tratemos nós de ter essa classe de multimilionarios.

Da «Actividad».

A base do credito é a solvabilidade, constituída pelas qualidades morais do devedor.

Almeida Leitão.

SEÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

O NÃO

Terrível palavra é um *non*. Não tem direito nem avesso; por qualquer lado, que o tomeis, sempre sôa e diz o mesmo. Lêde-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é *non*. Quando a vara de Moysés se converteu naquela serpente tão feroz que fugia d'ela, porque o não mordesse, disse-lhe Deus que a tomasse ao revez. E logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha.

O *non* não é assim; por qualquer parte que o tomeis sempre é serpente; sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno consigo. Mata a esperança, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males.

Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que confeiteis um *não*, sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é feio; por mais que o doureis, sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza d'um *não*? A mais dura coisa que tem a vida, é chegar a pedir; e, depois de chegar a pedir, ouvir um *não*. Vêde o que será. A lingua hebraica, que signfica e declara as coisas, chama ao negar o que se pede «envergonhar a face». Assim disse Bersabé a Salomão: «trago-vos, senhor, uma petição, não me envergonheis a face». E por que se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer *não* a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *não*! Para a necessidade, dura, para a honra, afrontosa, e para o merecimento, insofrível.

P. Antonio Vieira.

A alma

Eu sou livre, e não posso duvidar que o sou. Não é mister mais provas para me demonstrar que a minha alma não é corpórea.

Tudo o que é corpo ou corpóreo em nada se determina a si mesmo, e é ao contrário determinado em tudo por leis que se denominam fisicas, que são necessárias e invencíveis, e contrárias ao que eu chamo liberdade: Donde eu concludo que a minha alma é de uma natureza inteiramente diferente da do meu corpo

Fónelon.

A COMPAIXÃO

A compaixão é sempre mais facil do que a congratulação. Para sentir a compaixão basta ser homem; para nos regosijarmos com as alegrias de outrens, é preciso vencer o egoismo e o amor-próprio, o que não é facil.

A compaixão é a primeira letra do alfabeto do Bem: para não a sentir, é preciso ter o coração empedernido, é preciso ser tão cruel, tão infame, que não se mereça o nome de homem.

Mantegazza.

A ALMA

*Parece a alma não caber no Universo,
Embora seja um atomo no ar disperso
Em meio da criação!
Cerulea estrela luminosa, sempre em chama,
Que pelos céos constantemente Deus proclama
Em toda a amplidão!...*

*No céu voando como branca mariposa...
Rasgando as azas na ideia luminosa:
Procura Deus Bemdito!
E um dia avista Deus, — O Eterno Creator!
Fôco divino da eterna luz e amor...
Em todo o infinito!*

*E então a pequenina chama, que era nada...
No santo amor divino sente-se inflamada,
Sem nunca se apagar!
E junto a Deus, na luminosa graça e luz,
Sente-se igual, ou pouco menos que Jesus...
Para só Deus amar!*

*E' isto a alma, embora atomo disperso,
A pequenina chama que enche o Universo
E vive a eternidade!...
Mas para isso é necessario que ela tenha
Nos actos todos d'esta vida em que se empenha:
Amor e caridade!...*

Manuel Lopes.

PENSAMENTOS

Um corpo não escolhe onde se move, mas vai como o impelem; e se não houvesse em mim senão o corpo, bem longe de ter algum império eu nem sequer teria liberdade.

Bossuet.

As mais recentes aquisições do dominio das sciências levam-nos á convicção de que materia e espirito coexistem inseparavelmente em todos os seres do Universo—desde a molécula mineral até ao ser mais perfeito da criação—sendo todos eles orientados pela Lei suprema do progresso indefinido dos seres.

A. Martins Velho.

A esmola é só metade de um acto de caridade; o modo de a dar constitui a outra metade.

Sena Freitas.

Deus é a infinita perfeição, por que é Amor Infinito, sentindo e vencendo a infinita Dôr.

Os mais amorosos são os que mais se lhe chegam e os mais egoistas, os mais afastados e os mais impios.

O centro do mundo de Deus, é o beijo de amor divinizado.

A vida é um calvario. Sobee-se ao Amor pela dôr, à redenção pelo sofrimento.

Guerra Junqueiro

CONSULTAS

sobre assuntos de contabilidade, tais como fusões, transformações e liquidações de sociedades, etc.; organização de serviços de escritório; abertura, seguimento, fecho ou exame de qualquer genero de escrituração, encarregam-se guarda-livros de reconhecida competencia.

Dirijir-se a **E. T. C.**

Redacção de «A VOZ DO COMERCIO»

Quinzenario dos contabilistas e guarda-livros

Rua de Santa Catarina, 502

Porto

ESPECTACULOS E DIVERSÕES**Jardim Passos Manuel**

Telefone. 1084

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz **Odeon**

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vonz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efsio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

Peninsular Dancing-Club

Avenida Rodrigues de Freitas, 374

Rendez-vous da Jeunesse dorée
do
Pôrto

**BAL MONDAIN
SOUPERS-DANSANTS**

Atrações!

Surpresas!

Aberto á meia noite

Aguia d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 14 professores sob a direcção do maestro HORACIO BORGES.

Odeon «Cine-Teatro»

Empresa A. da Silva Marta - Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

Brevemente reprise da

COMPANHIA

de revistas **STICHINI-SANTOS**

de que faz parte um excelente grupo de coristas-bailarinas encenadas por LUBELIA STICHINI

Estrela Coreografica

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na **NAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**
às terças, quintas e domingos

Chás dansantes

no «dancing» do Restaurant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O **AVIARIO**